

ÁGUAS PASSADAS: POSSIBILIDADES DA MEMÓRIA ENQUANTO FONTE PARA ANÁLISE DO MOVIMENTO DOS MARINHEIROS (1964)

ROBERT CASTRO¹; EDGAR GANDRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – robertwpascastr@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – edgargandra@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Em se tratando de um tema ainda tão “vivo” na história de nosso país; o golpe civil-militar de 1964 e os anos que o antecederam na década de 1960, caracterizados por intensa efervescência política e social; vem cada vez mais sendo objeto de estudo na área da historiografia. Neste sentido, ao analisar as memórias de militares de um segmento específico da Marinha do Brasil – praças nas graduações iniciais¹ – durante o ano de 1964 na cidade do Rio de Janeiro, o presente trabalho procura estabelecer um debate acerca das possibilidades da memória reavivada enquanto fonte a ser analisada pelo historiador durante a prática de seu ofício, em especial no que concerne ao movimento da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB). Buscando ainda, através da memória reavivada, contribuir para um melhor entendimento acerca das experiências dos marinheiros na urbe fluminense, bem como, de suas demandas relativas a questões sociais e aquelas atinentes à carreira e atividade militar naval.

O presente trabalho fundamenta-se no conceito de memória aplicado de modo a instrumentalizar uma análise de “memórias subterrâneas das minorias, dos marginalizados e dos excluídos” (POLLAK, 1989) no sentido de, de acordo com Tania Regina de Luca (2011) citando Thompson, evidenciar “a perspectiva dos vencidos, a história vista de baixo, trazendo ao centro da cena a experiência de grupos e camadas sociais antes ignorados”, como é o caso dos marinheiros do movimento da AMFNB em 1964. Neste sentido, compreendemos a memória enquanto “um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico” (PORTELLI, 1997), ou seja, um fenômeno essencialmente individual que se constrói a partir das relações sociais entre os indivíduos integrantes de um determinado grupo a partir de experiências comuns aos mesmos. Para Maurice Halbwachs as lembranças se distribuem individualmente “dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais (...), portanto, existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas” (HALBWACHS, 2003). Porém, entendemos que as memórias são construtos sociais que cada indivíduo desenvolve a partir de suas experiências com o universo multifacetado dos meios e grupos sociais em que se insere e com os quais convive. Acompanhando assim o entendimento de Portelli (1997), segundo quem, as memórias são sociais e não coletivas.

A memória reavivada, como fonte historiográfica que possibilita a reconstrução da trajetória de determinados grupos não abarcados pela “memória oficial”, não pode ser negligenciada em detrimento da análise de outros tipos de fontes, tidas como “menos suscetíveis à subjetividade” daquele que a produziu. Tanto quanto os demais tipos de fontes com as quais o historiador trabalha por força de seu ofício, as fontes de memória são também dotadas de determinado

¹ Cabos, soldados e marinheiros.

grau de subjetividade, mas com a característica de ser “volátil” de acordo com as demandas do presente. Ou, nas palavras de Pierre Laborie, a memória “se constrói sob influência dos códigos e das preocupações do presente, por vezes mesmo em função dos fins do presente” (LABORIE, 2009).

2. METODOLOGIA

A realização deste trabalho se deu a partir da análise de fontes de memória, em especial de entrevistas de História Oral realizadas com militares e ex-militares da Marinha que, de algum modo, se envolveram ou presenciaram a mobilização da AMFNB no ano de 1964. Neste sentido, a História Oral, enquanto arcabouço metodológico desta pesquisa cumpre papel essencial, especialmente, no que concerne à reconstrução da trajetória dos marinheiros enquanto segmento social específico nas fileiras da Marinha do Brasil durante o recorte temporal em tela. Desta maneira, a luz do “paradigma indiciário” de Carlo Ginzburg, a partir da análise das memórias integrantes do movimento dos marinheiros, buscaremos uma melhor compreensão acerca das demandas daqueles militares e da própria radicalização de seu movimento. Ou seja, de acordo com a teoria de Ginzburg (1991), na qual alguns indícios podem ser assumidos enquanto elementos reveladores de fenômenos mais gerais, procurando assim, “a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1991).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram realizadas e transcritas, ou obtidas já transcritas junto a instituições de pesquisa, estando em fase de análise, um total de dez entrevistas de História Oral com civis, militares e ex-militares integrantes da AMFNB e outros que, de algum modo, presenciaram a mobilização daquela associação no ano de 1964 na cidade do Rio de Janeiro e seus desdobramentos nos meses que se seguiram ao golpe civil militar naquele ano. Além destas, outras fontes de memória (obras memorialísticas de ex-integrantes da AMFNB), oficiais e jornalísticas vêm sendo analisadas enquanto fontes secundárias.

Já em sua fase final de coleta de fontes e aprofundamento da análise das mesmas, já é possível constatar, com o andamento da pesquisa, a constituição de uma memória social que possibilita a reconstrução da trajetória do segmento dos marinheiros durante os anos iniciais da década de 1960, caracterizados por intensa ebulição social e busca por direitos por parte das classes trabalhadoras do Brasil. E ainda, dentre as diversas questões que permeiam esta releitura da trajetória do segmento dos marinheiros, podemos destacar a relevância das questões sociais, evidenciadas nas memórias de seus integrantes, para a mobilização daqueles militares entre os anos de 1962-1964. O caráter reivindicatório de seu movimento em um cenário de grande mobilização das classes trabalhadoras do país, bem como, a mobilização daqueles militares em uma associação de caráter sindical, ainda são objeto de reduzidas análises historiográficas, muitas das quais pautadas apenas nas questões da indisciplina e da quebra da hierarquia na Marinha em março de 1964. Deixando de analisar aquele movimento e a própria AMFNB a partir de suas “raízes sociais”, isto é, a partir das experiências comuns daqueles marujos e fuzileiros, as quais contribuíram para um sentimento de identificação e de pertencimento a um grupo

interno à Marinha, sentimento este evidenciado na própria associação “fuzinauta”².

Cabe ressaltar que a busca por fontes de memória relativas ao período histórico em tela, se mostra muito instigante e desafiadora, sobretudo no que concerne às fontes orais, tendo em vista que muitos dos entrevistados ainda demonstram receio de represálias por parte das instituições envolvidas no golpe de 1964, especialmente das Forças Armadas. Neste sentido, ressalto o posicionamento de Daniel Aarão Reis sobre a memória, onde ele afirma que “imersa no presente, preocupada com o futuro, quando suscitada, a memória é sempre seletiva. Provocada, revela, mas também silencia.” (REIS, 2004). No caso dos marinheiros, este silenciamento e a tendência de fundamentar suas memórias a partir de questões do presente e perspectivas de futuro, são aspectos muito presentes durante as entrevistas. Isto se deve, em parte, ao fato de ser este tema ainda muito presente na vida desses ex-militares, tendo em vista que, após o golpe civil militar, muitos foram expulsos da Marinha e, além do temor de represálias, ainda lutam na justiça em ações de caráter indenizatório.

4. CONCLUSÕES

Ao suscitar questionamentos sobre os interesses daquele que constrói a narrativa de uma memória reavivada, esta, enquanto fonte historiográfica, permite ao historiador reconstruir a trajetória de um segmento social, como proposto no presente trabalho, buscando na análise tanto das fontes de memória quanto dos demais tipos de fontes, indícios que possibilitem esta reconstrução.

O presente trabalho procurou contribuir para uma melhor compreensão dos integrantes do movimento dos marinheiros de 1964 enquanto sujeitos do processo histórico. Buscando ainda, através da memória reavivada de seus representantes, suscitar novas pesquisas que venham a iluminar cada vez mais esse período ainda tão nebuloso da história do Brasil.

² Termo empregado na Marinha para fazer referência a algo comum a marujos e fuzileiros navais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LABORIE, P. Memória e opinião. In: AZEVEDO, C.; ROLLEMBERG, D.; KNAUSS, P.; BICALHO, M.F.B. e QUADRAT, S.V. (Org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. Cap.4, p. 79-97.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C.B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011. Cap.4, p. 111-153.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.4, 1989.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v.15, p.13-49, 1997.

REIS, D.A. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, D.A.; RIDENTI, M. e MOTTA, R.P.S. (Org.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964 – 2004)**. Bauru: EDUSC, 2004. Cap.2, p. 29-52.